

CAPÍTULO 3

MATRICIAMENTO EM SAÚDE MENTAL NA APS: IMPACTO NOS DESFECHOS DOS PACIENTES

Vitória de Negreiros Barboza
Dhouglas Diniz Mota
Laura Leme de Araujo Rodrigues da Silva
Felipe Sfolia
Isabela Wenglarek Delorenzo

RESUMO

INTRODUÇÃO: A integração da saúde mental à Atenção Primária à Saúde (APS) é estratégica para ampliar o acesso, assegurar longitudinalidade e evitar que demandas frequentes sejam reduzidas a encaminhamentos para serviços especializados. No Sistema Único de Saúde (SUS), o apoio matricial constitui um arranjo técnico-pedagógico e assistencial que aproxima equipes de referência e especialistas para discussão de casos, atendimentos compartilhados, educação permanente e construção conjunta de projetos terapêuticos. Seu propósito não é substituir a responsabilidade da APS nem criar uma porta paralela de encaminhamento, mas ampliar a capacidade de cuidado no território e qualificar a articulação com a Rede de Atenção Psicossocial (CHIAVERINI, 2011; CAMPOS; DOMITTI, 2007). **OBJETIVO:** Este capítulo tem como objetivo analisar o matriciamento em saúde mental na APS e discutir seu impacto potencial nos desfechos dos pacientes, considerando evidências sobre cuidado colaborativo, integralidade, acesso e continuidade assistencial. **DESENVOLVIMENTO:** O matriciamento organiza uma relação horizontal entre profissionais da APS e da saúde mental, na qual a equipe especializada oferece retaguarda e compartilha responsabilidades sem retirar da equipe de referência o vínculo com o usuário. Na prática, reuniões regulares para discussão de casos, interconsultas e atendimentos conjuntos podem ampliar a leitura biopsicossocial do sofrimento psíquico, qualificar o manejo de situações de crise e tornar os critérios de encaminhamento mais adequados. A literatura brasileira aponta que a potência dessa estratégia está no compartilhamento de saberes e na construção de cuidados territorializados; contudo, também descreve entraves como agendas incompatíveis, rotatividade profissional, insuficiência de espaços protegidos para encontro e persistência de lógicas centradas no encaminhamento (CAMPOS; DOMITTI, 2007; IGLESIAS; AVELLAR, 2019). Portanto, o matriciamento deve ser avaliado como processo continuado, e

não somente pela existência formal de reuniões ou de uma equipe de apoio. A mensuração do impacto deve combinar desfechos centrados na pessoa e indicadores de serviço. Podem ser acompanhados sintomas e funcionalidade por instrumentos validados, qualidade de vida, experiência do usuário, vínculo, continuidade, crises e procura por urgência, além da proporção de casos acompanhados compartilhadamente e do tempo entre identificação e cuidado. **CONCLUSÃO:** O matriciamento em saúde mental pode fortalecer a APS como coordenadora do cuidado e contribuir para desfechos mais favoráveis, particularmente ao ampliar o acesso qualificado, a detecção precoce, o seguimento longitudinal e a integração com a Rede de Atenção Psicossocial. Evidências de cuidado colaborativo sustentam benefícios para sintomas de depressão e ansiedade, mas a avaliação do modelo brasileiro exige prudência diante da diversidade de contextos e da limitação de estudos que mensurem diretamente resultados clínicos dos pacientes. A efetividade depende de encontros regulares, corresponsabilização, apoio especializado disponível e fluxos intersetoriais e assistenciais bem definidos; por isso, o monitoramento deve incluir indicadores clínicos, funcionais e de experiência do usuário, orientando o aperfeiçoamento contínuo das práticas no SUS.

REFERÊNCIAS

ARCHER, J. et al. Collaborative care for depression and anxiety problems. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 10, CD006525, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1002/14651858.CD006525.pub2>.

CAMPOS, G. W. S.; DOMITTI, A. C. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 399-407, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000200016>.

CHIAVERINI, D. H. (org.). Guia prático de matriciamento em saúde mental. Brasília, DF: Ministério da Saúde; Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.

IGLESIAS, A.; AVELLAR, L. Z. Apoio matricial em saúde mental na atenção básica: efeitos na compreensão e manejo por parte de agentes comunitários de saúde. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 23, e180403, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.180403>.

MALONE, D. et al. Mental health integrated care models in primary care and their effectiveness: a systematic review. *BMC Primary Care*, v. 25, art. 44, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12875-024-02239-7>.